

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL - Número 41 - Julho / Agosto 2025



CASA DA CULTURA
**POLÔNIA
BRASIL**



Wojtek Kostrzewa. Foto: Acervo pessoal

O mundo como galeria de Arte

A imagem que ilustra a capa desta edição é assinada por Wojtek Kostrzewa, artista visual, designer e pai, nascido em Varsóvia, Polônia, em 17 de julho de 1987. Com formação em Varsóvia e Berlim, vive e trabalha em São Paulo desde 2017. É cofundador do Coletivo *Zbiorowy* e tem apresentado seus trabalhos em instituições como a Galeria Propaganda e Galeria Raster, em Varsóvia; Galeria Pivô em São Paulo; além do Museu Benaki, em Atenas.

A prática artística de Wojtek Kostrzewa se ancora na escuta e na criação coletiva, entrelaçando cotidiano, pensamento crítico e reverberações políticas. Seu trabalho envolve

linguagens e suportes diversos, ativamente zonas de contato entre o espaço público e o privado. É o que se observa nas ações do coletivo *Zbiorowy*, que intervêm diretamente no tecido urbano e diluem as fronteiras entre arte e vida, instaurando microrrevoluções nas frestas do vivido.

Estar entre dois mundos – a Polônia e o Brasil – é, para ele, não apenas uma condição geográfica, mas um campo de interrogações. O que é ser polonês no Brasil? E como essa mesma Polônia, transladada, reaparece – fragmentada, diluída, reinterpretada

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL
Número 41 - Julho / Agosto 2025

Editora: Izabel Liviski
Diagramação: Axel Giller
Correspondente Internacional: Everly Giller
Revisão: Mariano Kawka
Assistente de Revisão: Mari Inês Piekas
Consultoria: Marek Makowski
Capa: Fotografia de Wojtek Kostrzewa

REALIZAÇÃO:
Casa da Cultura Polônia Brasil

APOIO:
Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba



#StandWithUkraine
#PolandFirstToHelp

Convidamos os interessados a anunciar suas empresas e seus produtos em nossas páginas.

Contato:
takpoloniabrasil@gmail.com

Os editores do TAK! não se responsabilizam pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos nos textos e artigos publicados, por serem de inteira responsabilidade de seu(s) respectivo(s) autor(es).

EDITORIAL

Prezados leitores,

Nesta edição, o *TAK!* abre suas páginas com um diálogo inspirador: a entrevista com o cônsul-geral da Polônia em Curitiba, Wojciech Baczyński, que nos lembra que a diplomacia, quando guiada por sensibilidade e visão cultural, pode ser também uma arte - a arte de construir pontes. Pontes entre países, certamente, mas também entre pessoas, ideias e futuros possíveis.

A partir dessa conversa, desdobram-se os fios que tecem esta edição: a imagem de capa, obra de Wojtek Kostrzewa, que nos convida a percorrer o mundo como quem atravessa uma galeria de arte, onde se entrelaçam literatura, música e memórias coletivas. A literatura que cruza oceanos, como em Szymborska ou Olga Tokarczuk; a música que pulsa nas veias da história, como em Chopin ou na banda Kult; e as vozes que, em diferentes registros, reafirmam a vitalidade da presença polonesa no Brasil e no mundo.

Contamos também com colaborações notáveis: Wilson Rodycz escreve sobre a vida e a obra monumental de Władysław Reymont, revelando sua influência em múltiplos aspectos da cultura; Rudinei Campra traz a visão do padre Chelmicki sobre a imigração polonesa no Paraná; e Marek Makowski nos mostra como a diáspora polonesa teve repercussões inesperadas na Independência da Polônia.

Rafael de Nadai Bacchi narra a epopeia dos hussardos alados e as lendas que ainda permeiam o imaginário popular. Renata Matusiak fala, com sensibilidade e orgulho, do Coro "Polskie Sokoły" em Papanduva. Thiago Corrêa de Freitas nos conduz por diferentes estilos musicais, entre técnica e cultura. E Claudio Boczon compõe, em "Sal da Terra", um retrato nostálgico de sua avó Apollonia, que nos faz lembrar das nossas avós polonesas.

Felicitemos nosso amigo jornalista Ulisses Iarochinski, que celebra 20 anos ininterruptos de seu blog *Jaronskiński* do Brasil, e saudamos o *Boletim Filatélico de Brusque*, que chega à sua 62ª edição, comemorando os 90 anos do Clube Filatélico Brusquense, em Santa Catarina.

Dobrej lektury!


 NOSSA CAPA - NASZA OKŁADKA

– na vastidão tropical do Sul Global?

Entre a melancolia polonesa e as saudades brasileiras, Wojtek percebe um ponto de encontro sensível, ali onde a memória se faz paisagem, e a identidade, sobreposição. A imagem que integra um projeto documental de longa duração realizado no Brasil, reflete precisamente esse gesto: entre o olhar estrangeiro e a tentativa de pertencimento, entre o visível e o estranho.

A bandeira polonesa no centro da imagem funciona como uma intervenção sutil: pictórica, quase surreal, plantada no espaço urbano. Um símbolo que se apresenta como vestígio, mas também como indagação: Que vozes, histórias e contribuições a diáspora polonesa ainda pode oferecer a esse país em constante reinvenção?

Esta fotografia, em sua carga simbólica contida e vibrante, nos convida a refletir sobre a presença polonesa no Brasil não como herança fixada, mas como paisagem em movimento, feita de camadas e interações. Um traço estrangeiro que se torna traço em comum, entre memórias transplantadas e afetos reaprendidos. Em vez de mapa encerrado ela é trilha aberta, um convite a ver a identidade como travessia contínua, onde o passado se rearticula nas imagens do presente, numa escuta atenta ao *zeitgeist*, o espírito do tempo que atravessa deslocamentos e pertencas híbridas. Mais do que uma imagem isolada, trata-se de um gesto visual o que Wojtek propõe: um convite ao leitor para refletir sobre todas essas questões.

Izabel LIVISKI (da redação)


 CONSULADO-GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA EM CURITIBA

Polonia_Camp 2025: juventude em movimento

De 17 a 20 de julho, Varsóvia tornou-se cenário de reencontros e reinvenções identitárias com o Polonia_Camp 2025, o primeiro encontro global da jovem Polônia. Cerca de mil jovens de origem polonesa, vindos de 46 países nos seis continentes, reuniram-se para celebrar suas raízes e fortalecer os laços culturais com a Polônia contemporânea, num espaço de escuta, troca e pertencimento.

Realizado no campus da SGGW - Szkoła Główna Gospodarstwa Wiejskiego (Escola Central de Economia Rural), em Varsóvia, o evento foi uma iniciativa da presidente do Senado, Małgorzata Kidawa-Błońska, e organizado por entidades como a Wspólnota Polska, o Senado da República da Polónia, o Instytut Spraw Publicznych (Instituto de Relações Públicas) e a Fundacja Pomoc Polakom na Wschodzie (Fundação de Ajuda para Poloneses no Leste).

O foco do evento esteve centrado em três temas principais:

1. Entre a tradição e a modernidade: identidade e cultura entre tradição e tendências contemporâneas, redes sociais, folclore, arte e esportes, uma Comunidade Polonesa Viva.

2. Oportunidades na Polónia: educação, estágios, empreendedorismo e carreiras para membros da diáspora polonesa.

3. Engajamento comunitário: ativismo social e redes polonesas no mundo, com foco na promoção da língua, da cultura e de projetos locais.



Jovens de todo o mundo em confraternização no Polonia_Camp 2025. Foto: Regiane Czervinski


CONSULADO-GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA EM CURITIBA

A programação incluiu painéis e debates com figuras de destaque, como Małgorzata Kidawa-Błońska (presidente do Senado), Radosław Sikorski (ministro das Relações Exteriores da Polônia), Honorata Hencel (Boeing), Jurek Owsiak (WOŚP), prof. Jerzy Bralczyk, Michał Rusinek, Wojciech Jagielski e Agata Passent, entre outros.

Houve também uma rica oferta de atividades culturais e artísticas, como shows de Natalia Przybysz, Justyna Steczkowska e L.U.C & Rebel Babel Ensemble; um monodrama sobre o urso Wojtek; workshops de culinária com Kuba Kuroń e de dança com os grupos Mazowsze, da Polônia, e Wisła, do Brasil.

No campo esportivo e recreativo, destacaram-se a corrida com a atleta olímpica Małgorzata Hołub-Kowalik, uma partida de futebol mediada por Szymon Marciniak, além de diversas práticas esportivas e atividades de lazer.

Como primeiro evento global da juventude polonesa da diáspora, o Polonia_Camp 2025 representou um importante marco no fortalecimento da comunidade mundial de jovens de ascendência polonesa, combinando identidade cultural, diálogo internacional, oportunidades e entretenimento na capital polonesa. O evento ofereceu um programa voltado à integração cultural, ao fortalecimento da identidade e à troca de experiências.

A programação foi construída com a participação ativa dos próprios jovens, reforçando seu papel como protagonistas dentro da diáspora polonesa. O encontro também se mostrou uma excelente oportunidade de networking em nível mundial e de visibilidade para projetos sociais, negócios e cultura internacionais.

Mais que um evento, o Polonia_Camp é um gesto: de memória viva, afeto em trânsito e futuro em construção.

Regiane Maria CZERVINSKI,
participante do Polonia_Camp 2025

**Consulado-Geral da República
da Polônia em Curitiba**


ENTREVISTA

Wojciech Baczyński: A diplomacia como arte de construir pontes culturais



Wojciech Baczyński em frente ao Consulado-Geral, em Curitiba/PR. Foto: Acervo pessoal.

Formado em Administração pela Universidade de Varsóvia em 2003, Wojciech Baczyński construiu sua trajetória diplomática tecendo conexões entre a Polônia e o mundo lusó-

fono. Entre 2003 e 2008, atuou na Embaixada da Polônia em Lisboa como Adido Cultural e da Imprensa, período em que aprofundou seu contato com a língua portuguesa e as expressões

culturais dos países de língua lusa.

De 2009 a 2013, assumiu funções na Delegação Comercial da Polônia em São Paulo, como vice-cônsul e vice-delegado, consolidando relações econômicas e institucionais entre a Polônia e o Brasil. Seguiu então para Varsóvia, onde, de 2014 a 2025, foi Diretor-Geral da Câmara de Comércio Polônia-Portugal, fortalecendo intercâmbios empresariais e culturais entre os dois países.

Desde 9 de junho de 2025, Baczyński é Cônsul-Geral da Polônia em Curitiba, com jurisdição sobre 13 Estados brasileiros. Casado e pai de dois filhos, o diplomata fala polonês, português, inglês e tcheco. Entre seus interesses estão as relações internacionais, a música brasileira, os esportes - especialmente futebol, basquete e vôlei - e as artes, com destaque para a moderna e a urbana.

Sua chegada a Curitiba abre um novo capítulo nas relações entre Brasil e Polônia, unindo experiência diplomática, sensibilidade cultural e entusiasmo por construir pontes entre povos.

TAK! - A sua trajetória transita entre diplomacia, comércio e cultura. Como esses campos se entrelaçam em sua visão para o Consulado em Curitiba?

 ENTREVISTA

W. B. - Quando criança, morei no exterior por vários anos, e essa experiência me deu uma espécie de "vocação" para trabalhar na área de relações internacionais. Além disso, interagi com outros representantes da comunidade polonesa, incluindo crianças, e talvez isso tenha despertado meu desejo de promover a Polônia no exterior. Nossos pais colaboraram, e isso me pareceu muito importante, pois trazia novas oportunidades de passar o tempo de forma significativa.

Durante meus estudos, tive a experiência de um intercâmbio acadêmico no exterior, que de novo me ensinou a me virar sozinho na terra incógnita, criar laços. Aprendi por que é importante apoiar pessoas novas em uma determinada comunidade, pois me tornei uma delas.

A carreira profissional tem sido, portanto, uma progressão natural. Fico feliz por, ao longo dos últimos 20 anos, ter adquirido experiência na promoção da cultura e da ciência, colaborar com professores de língua polonesa, gerenciar atividades de imprensa do escritório, organizar e gerenciar visitas de estudo e visitas políticas e, posteriormente, administrar uma organização privada sem fins lucrativos que opera na Polônia, Portugal, Brasil e República Tcheca, além de participar de colaborações horizontais com parceiros internacionais semelhantes.

TAK! - O senhor liderou a Câmara de Comércio Polônia-Portugal por 11 anos. Que aprendizados dessa experiência serão fundamentais na interação com a comunidade polonesa no Brasil e nos projetos culturais?

W. B. - Acima de tudo, tive a oportunidade de trabalhar em estreita colaboração com CEOs e diretores de muitas empresas importantes na Polônia – tanto estrangeiras quanto polonesas. São indivíduos excepcionais, escolhidos para gerir organizações privadas de grande porte. Pude observar de perto suas operações, valores e tomada de decisões. Isso ampliou significativamente meus horizontes e ajudou muito a aprimorar as habilidades de coordenação de projetos e processos. Comecei a valorizar conceitos como tempo e produtividade de maneira mais profunda. Também aprendi muito sobre a importância da cultura organizacional para o sucesso de uma organização, seja ela pequena ou média ou grande. Trata-se do conjunto de valores, normas, crenças e comportamentos que definem a forma como uma organização opera e influencia a forma como os funcionários se comunicam, colaboram e tomam decisões. Esta é a "alma" de uma organização, conferindo-lhe um caráter único e influenciando o engajamento, a satisfação e os resultados.

A diversidade no trabalho também é importante para mim: linguística, de gênero e cultural. Não devemos ser todos iguais, e quanto mais diversos formos, melhores equipes e melhores resultados poderemos criar e alcançar, se a gestão for bem-feita e a liderança competente. A comunidade polonesa no Brasil é exatamente isso — diversa e motivada. No entanto, acredito que ela pode trabalhar ainda melhor junto e ter prazer em alcançar objetivos compartilhados. Para isso quero contribuir.

TAK! - Curitiba é o local que recebeu uma das maiores diásporas polonesas. Como pretende fortalecer os laços identitários, culturais e intergeracionais entre brasileiros de origem polonesa?

W.B. - Continuidade e duração são cruciais na história. Há mais de 150 anos, a comunidade polonesa cultiva ativamente as tradições, a cultura e o espírito comunitário poloneses, apesar das adversidades e com o máximo de sua capacidade. O domínio da língua polonesa é um pouco mais desafiador, pois nem sempre é transmitida de geração em geração. No entanto, isso demonstra com toda a clareza que estamos lidando com um fenômeno de preservação e celebração da identidade polonesa que veio para ficar, é espontâneo e necessário para uma experiência de vida significativa.

Nosso Consulado em Curitiba remonta a 1919 e operamos em nosso prédio atual, no bairro do Alto da Glória, desde 1978. Muitos antecessores serviram aqui antes de mim, cada um trazendo sua própria *expertise*, cada um contribuindo com seus próprios méritos e cada um sendo lembrado de forma diferente.

Minha especialidade é trazer uma nova qualidade à comunicação comunitária. Promover uma espécie de ecletismo. Lembrar a todos e inspirar no sentido de que as fontes em que nos podemos basear na celebração da herança polonesa são muito mais amplas do que imaginamos. Gostaria que as comunidades polonesas não tivessem medo de buscar coisas novas, de assumir tarefas ambiciosas e de adquirir novas habilidades. Gostaria que todos pudessem focar nas áreas em que realmente se destacam, sem receio de dizer 'não' quando sentirem que não têm a competência necessária para determinada tarefa. Em resumo, penso que precisamos, acima de tudo, nos valorizar mais.

Desejo apoiar e promover todas as manifestações relacionadas à preservação da identidade e dos laços com a Polônia, o papel da religião em nossa identidade, mas também chamar a atenção para o papel da Polônia no mundo contemporâneo e suas notáveis conquistas. Estou convencido de que acompanhar as conquistas da Polônia contemporânea, incluindo atividades religiosas e relacionadas à identidade, pode ser uma fonte de grande inspiração e satisfação para nossa comunidade polonesa. Por outro lado, para a Polônia de hoje, aprender como nossa comunidade no Brasil cultiva tradições pode ser uma grande fonte de inspiração sobre o que é crucial para que nos sintamos verdadeiramente como uma comunidade, de onde viemos, o que conquistamos e quanto contribuimos com nosso trabalho e criatividade para o desenvolvimento de outros países, especialmente aqueles com os quais mantemos relações amistosas, como é o caso do Brasil.

O ensino da língua polonesa no Brasil é muito importante para o governo polonês. Vemos um interesse crescente em cidades menores no Sul do Brasil, mas também em cidades maiores como Brusque, Erechim e Curitiba. Para isso, a Polônia está investindo recursos significativos para garantir a presença de professores de língua polonesa nessas cidades. Meu papel será garantir que esse investimento seja

 ENTREVISTA

implementado da forma mais eficiente possível.

Também tenho a capacidade de motivar as pessoas a trabalhar continuamente na profissionalização das atividades da comunidade para trazer ainda mais qualidade à cooperação polono-brasileira. Meu desejo de apoiar a profissionalização de nossas associações comunitárias polonesas advém da minha convicção de que somente organizações que conseguem gerar receitas e orçamentos adequados conseguem continuar a se desenvolver e elevar o nível geral de suas atividades, influenciando outras. Toda atividade cultural ou científica tem seus custos financeiros, e qualquer cooperação entre países tão distantes como a Polônia e o Brasil acarreta custos de transporte mais altos. Organizações culturais e comunitárias polonesas devem, portanto, garantir fontes adequadas de receita.

O lado polonês fornece financiamento para os melhores projetos de diversas fontes: o Senado, o ministério e fundações. O lado brasileiro também dispõe de recursos para os melhores projetos.

Apoiar outros na promoção do crescimento econômico e no desenvolvimento da cooperação comercial entre a Polônia e o Brasil é crucial para mim. Acredito profundamente que esse é o futuro do nosso relacionamento e, tenho certeza, um elemento-chave para

fortalecer a importância das nossas organizações da diáspora polonesa. Mais *expertise* em gestão, mais empresas e mais comércio só podem nos ajudar.

TAK! - Sabemos que eventos como o Festival de Cinema Polonês e concertos da Constituição são ancorados em iniciativas diplomáticas. Que novos projetos artísticos pretende trazer ao Paraná?

W.B. - Estou em Curitiba há dois meses e gostaria de me dar de três a quatro meses para conhecer a cidade e o estado, e só então revisar a estratégia que tinha em mente antes de chegar e que apresentei ao Senado Polonês.

Meu objetivo mais importante é convencer a comunidade polonesa a cooperar mais e se beneficiar das sinergias. Em nosso trabalho cultural, contaremos com soluções comprovadas e inerentes ao trabalho diplomático, como concertos de música clássica. No entanto, durante minha estadia, gostaria de apresentar ao público local mais artistas visuais e músicos da minha geração, nascidos nas décadas de 1970 e 1980. Quero incorporar mais tecnologia na criação e recepção de nossos eventos culturais. Também tenho grande apreço por projetos que aproximam a alta cultura dos moradores da cidade.

Certamente gostaria de oferecer algumas alternativas ao público

em Curitiba e no estado do Paraná. Todos os projetos culturais e comunitários poloneses para crianças também serão cruciais para mim. Elas são o nosso futuro. No entanto, devemos lembrar que cada público tem suas próprias necessidades e seu perfil. Não podemos confiar em soluções antigas para resolver nossos novos desafios. Devemos permanecer criativos e vigilantes o tempo todo.

TAK! - O Consulado em Curitiba cobre 13 estados brasileiros. Como imagina articular eventos culturais e acadêmicos entre polos geográficos tão diversos?

W.B. - Estamos discutindo um dos maiores distritos consulares da perspectiva da diplomacia polonesa. É claro que os serviços consulares são e sempre serão nossa prioridade e um elemento significativo que consome tempo da minha equipe. Na prática, apenas uma parte da equipe lida com questões da diáspora polonesa, enquanto questões culturais são abordadas de forma semelhante. Cobrir 13 estados é muito desafiador, mas é exatamente por isso que gostaria de me concentrar em nossa comunidade polonesa. A cooperação destes pode trazer resultados positivos a longo prazo, não apenas picos temporários de atividade relacionados ao perfil de um determinado cônsul-geral. Voltando diretamente à sua pergunta, no entanto, haverá mais comunicação e conteúdo por meio das mídias sociais do Consulado e mais eventos online.

TAK! - A cooperação com o Instituto Adam Mickiewicz, a UFPR etc. já é ativa. Há algum foco especial em parceria acadêmica, editorial ou artística para os próximos anos?

W.B. - Darei dois exemplos, mas há muitos outros. O recentemente organizado Polônia_Camp em Varsóvia, onde a comunidade polonesa brasileira se apresentou em grande número e, sem dúvida, se integrou muito bem.

O maior projeto dos últimos anos é o fornecimento, pelo Ministério da Educação e Ciência da Polônia,



Wojciech Baczyński discursando na Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa (CCIP), em Lisboa, enquanto diretor-geral da Câmara de Comércio Polónia-Portugal (PPCC) com sede em Varsóvia (2016).

 ENTREVISTA

por meio de seu centro supervisionado, o ORPEG (Centro para o Desenvolvimento da Educação Polonesa no Exterior), de recursos para o envio de professores ao Brasil, a pedido de organizações polonesas e de algumas prefeituras, cedidos para o ensino de polônês. A Polônia está, portanto, investindo na crescente demanda por ensino da língua polonesa em determinadas regiões do Brasil e, a partir de setembro de 2025, financiará a estadia e o trabalho de até 14 professores poloneses.

A Agência Nacional de Intercâmbio Acadêmico (NAWA) é uma instituição polonesa cuja principal missão é apoiar a internacionalização do ensino superior e da ciência polonesa. As atividades da NAWA incluem a concessão de bolsas de estudo, o apoio ao intercâmbio acadêmico e a disseminação de informações sobre o sistema educacional polônês no exterior. No dia 8 de outubro, organizaremos um programa em Curitiba para apresentar as ofertas da NAWA às universidades brasileiras. Delegações de universidades polonesas também estarão presentes.

TAK! - O Consulado também difunde o ensino da língua polonesa. Como pretende apoiar as escolas polonesas no Brasil, diante dos desafios identitários contemporâneos?

W.B. - Sim. Os professores do ORPEG são apenas parte da nossa oferta. Como vocês sabem, nossas organizações da diáspora polonesa também organizam cursos com aulas presenciais e online. Se alguém no Brasil quiser aprender polônês hoje, a oferta é realmente ampla. Minha pergunta, no entanto, é: a divulgação desses cursos é suficiente?

O apoio às organizações da diáspora polonesa no ensino de polônês é possível graças ao financiamento do nosso Consulado (pequenos projetos), do Senado da República da Polônia e do Instituto para o Desenvolvimento da Língua Polonesa (Instytut Rozwoju Języka Polskiego). Convido todos a explorarem os sites e as redes sociais das instituições que estou mencionando em nossa conversa. Suas ofertas são extensas e os recursos estão disponíveis, mas uma análise completa por parte dos leitores é necessária.

TAK! - Que outros assuntos serão importantes para os seus objetivos no Brasil?

W.B. - Pretendo fortalecer a cooperação com os cônsules honorários da República da Polônia no distrito consular e apoiar o embaixador polônês no desenvolvimento de sua rede. Dentro do distrito consular, temos cônsules honorários em Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, na Bahia. Gostaria que o Rio de Janeiro fosse a próxima cidade.

Em lugares como Guarani das Missões e Áurea, onde a língua polonesa tem status cooficial, apoiarei os esforços para implementar esse status e promover o reconhecimento da língua polonesa como patrimônio imaterial do Brasil.

Nos últimos anos, recursos financeiros significativos foram alocados para a construção e modernização

das Casas Polonesas. Os valores dos investimentos e os desafios de coordenação aumentaram significativamente, como foi o caso do ambicioso projeto de construção do Instituto de Santo Zygmunt Felinski em Áurea. Cada investimento deve ter um plano específico, um programa operacional e um monitoramento sistemático de seus resultados.

Em relação ao ensino da língua polonesa, fizemos enormes progressos em termos de número de professores, e agora melhorar a qualidade do ensino será crucial. Quero organizar o primeiro encontro de professores do ORPEG que trabalham no Brasil para facilitar a troca de experiências e o diálogo aberto. Sei que há muito trabalho a ser feito em termos de coordenação de abordagens pedagógicas e livros didáticos. Quero analisar a situação, utilizando a *expertise* da equipe do Setor de Estudos Poloneses da UFPR em Curitiba.

TAK! - Em uma de suas mensagens públicas recentes, o Senhor destacou o valor do “serviço ao outro” e a importância da cooperação para além do individual. Como essa filosofia se traduz em sua atuação diplomática cotidiana?

W. B. - Minha resposta é simples. Acredito que o trabalho é uma parte tão importante de nossas vidas, mesmo que para alguns apenas em termos de dedicação por hora, que devemos nos esforçar para criar uma atmosfera positiva e equipes que gostem e se sintam realizadas com atividades compartilhadas.

Também acredito que um dos meus objetivos e realizações é inspirar e ajudar os outros a alcançarem seus objetivos de médio e longo prazo.

Isso não significa que eu não seja exigente diariamente, porque eu sou. Se concordarmos que as exigências são o desejo de alcançar resultados, acredito que alcançaremos os melhores resultados criando uma boa atmosfera de cooperação que promova honestidade, solidariedade e eficiência, não por meio de imposições. No entanto, isso requer ações concretas que construam a cultura organizacional, e isso leva tempo. Você precisa estar disposto a dedicar esse tempo. E aqui chegamos ao “serviço ao outro”.

Meu conceito de serviço é trabalhar para o país, trabalhar pelas relações bilaterais entre a Polônia e o Brasil, mas também trabalhar para deixar um impacto positivo e mensurável nas comunidades ao meu redor: na equipe no trabalho, nas organizações polonesas na cidade, região, estado, nos parceiros brasileiros, no Ministério na Polônia, nos consumidores de nosso conteúdo online, etc.

TAK! - Se pudesse apresentar ao público paranaense um símbolo vivo da cultura polonesa - seja uma obra literária, musical ou patrimônio imaterial - qual escolheria para representar a alma da Polônia?

W.B. - Embora o Paraná e a Polônia sejam regiões com contextos históricos e geográficos distintos, ambos compartilham uma história de resistência, adaptação e transformação diante de desafios externos e

 ENTREVISTA

internos, e também de preservação de sua identidade cultural frente às adversidades.

Para o público paranaense me permito sugerir um mergulho mais profundo na vida e obra de Tadeusz Kościuszko, um dos meus poloneses favoritos. Kościuszko tinha muitas reflexões sobre liberdade e igualdade que transcendiam as fronteiras da Polônia. Sua mensagem era universal. Ele promovia a liberdade e a independência das nações, lutando não apenas pela liberdade da Polônia, mas também pelo direito de outras nações à autodeterminação. Em suas cartas, ele escreveu que toda opressão, independentemente da localização, era algo a ser combatido. A igualdade de todas as pessoas era importante para ele, e ele defendia a abolição dos privilégios feudais, enfatizando que todo ser humano, independentemente de sua origem, merecia igualdade perante a lei. Sua postura foi amplamente inspirada pelos ideais do Iluminismo, mas ele os empregou de forma muito prática. Finalmente, no campo da proteção dos direitos humanos, ele foi um dos primeiros a defender os direitos humanos e se opor à escravidão. Em seu testamento, Kościuszko deixou grande parte de sua propriedade para resgatar escravos nos Estados Unidos, acreditando que a igualdade não deveria ter limites.

Para o público urbano de Curitiba, para quem Paulo Leminski desempenhou um papel tão significativo e que também criou vários álbuns, gostaria de ser mais corajoso e sugerir estudar e ouvir melhor o legado da música popular e alternativa polonesa dos últimos 40 anos. Hoje, com acesso online a músicas do mundo todo a um clique de distância, recomendo fortemente explorar a música de bandas como Dżem, Kult, Lady Pank, Perfect, Maanam, Hey, Budka Suflera, T. Love e Wilki. A música polonesa é caracterizada por letras poéticas e profundas e uma monumentalidade simplificada de composição. Acredito que um público tão musicalmente sofisticado quanto o público curitibano pode gostar de descobrir mais da música polonesa do que apenas folclore.

Ou talvez o público já a conheça? A banda polonesa Kult passou seis semanas no Brasil em dezembro de 1989 a convite da agência "Homem de Ferro" e até apareceu em um comercial para o Banco do Estado do Paraná. Espero em breve encontrar alguém de Curitiba que esteve nos shows da Kult no Brasil e me conte sobre eles.

TAK! - Sabemos que a vida diplomática é intensa e envolve viagens, eventos e constante engajamento oficial. Gostaríamos de saber, como sua família - sua esposa e filhos - participa ou influencia sua missão no Brasil? Que valores ou pequenas tradições vocês cultivam juntos, que o ajudam a manter equilíbrio e foco?

W.B. - Os nossos principais valores familiares são a tradição, tolerância, solidariedade e empatia.

De fato, começos não são fáceis. Além dos desafios de um novo local de trabalho, dos procedimentos e do trabalho em equipe, sempre temos que superar os desafios iniciais da vida familiar: documentos novos,

conhecer a cidade, escola dos filhos. Há muito a superar. Primeiramente, gostaria de dizer que fomos muito bem recebidos em Curitiba, pelo que somos gratos a toda a comunidade e aos moradores. Isso também aconteceu durante minhas primeiras viagens de negócios, nas quais levei minha família.

A minha esposa é brasileira com 11 anos de experiência na Polônia e com domínio do idioma polonês, e eu sou polonês. Somos uma família polono-brasileira que morou muito tempo na Polônia. E agora enfrentamos deixar a nossa contribuição e experiência no Brasil. Então, pode-se dizer que somos o inverso da comunidade polonesa no Brasil. Mas nesta inversão fazemos tudo de forma semelhante! Em nossa casa, os feriados como Natal e Páscoa, são muito importantes, e os celebramos de acordo com as tradições polonesas. A linguagem interna da nossa família pode ser como a sua, misturada entre a precisão e a vivacidade da língua polonesa e a melodia e a riqueza da língua brasileira.

TAK! - Que mensagem gostaria de deixar aos milhares de descendentes de poloneses que vivem no Paraná e em todo o Brasil, guardiões de uma herança que atravessa mares, estações e gerações?

W.B. - Gostaria de expressar meu respeito pelo trabalho de todas as pessoas que aproximam a Polônia e Brasil. Seu trabalho é de valor inestimável — não apenas para a comunidade polonesa no Brasil, mas também para a Polônia, que cada vez mais reconhece que a força de sua identidade nacional não se limita às fronteiras do país. Como escreveu o poeta Cipriano Kamil Norwid: *"A pátria é um grande dever coletivo"*. Esse dever pode ser cumprido de várias maneiras — cultivando a língua, transmitindo a história às crianças e criando a vida da comunidade local. Vocês estão fazendo isso — e, por isso, merecem um profundo reconhecimento.

Gostaria de enfatizar que as relações polono-brasileiras estão em ótima forma atualmente. Ambos os lados estão interessados em aprofundar os contatos, tanto em termos de política quanto econômica e social. Há amplas oportunidades — mas seu aproveitamento depende em grande parte das comunidades locais, da criatividade, da iniciativa e da cooperação. Eu os encorajo a serem produtivos nesse sentido.

É por isso que espero que todos nós não apenas valorizemos nossas memórias, mas também abracemos o novo. Que possamos construir uma comunidade que possa ouvir uns aos outros — com gentileza, mas também com discernimento.

Como mensagem final, convido os leitores a partilharem ideias criativas e sugestões de horizonte mais amplo, que nos ajudem a pensar o futuro e a fortalecer a comunidade polonesa, para além das questões do dia a dia consular. Toda contribuição será muito bem-vinda e recebida com gratidão, e será como um tijolo na construção de pontes para o futuro.

Entrevista concedida à editora Izabel Liviski em agosto de 2025.

CRIATIVIDADE e APRENDIZAGEM COLABORATIVA: Oficinas de arte para o intercâmbio de saberes



Participantes da Oficina de gravura na CCPB. Foto: Daio Hofmann

Nada como um espaço de experimentação para despertar a curiosidade, o olhar para o diferente e, ao mesmo tempo, fazer o reconhecimento daquilo que nos aproxima e nos traz identificação. O trabalho coletivo na elaboração da obra de arte sempre nos inspira a mediar caminhos. A gravura, uma das faces das artes visuais, tem como característica a formação de grupos em espaços específicos para criação e produção. E é lá no grupo que é possível vivenciar o conhecimento e expandir habilidades que nem reconhecíamos em nós mesmos. No grupo, “misturamos” o que somos com o que estamos fazendo. Descobrimos que um certo fazer pode ter muitos “jeitos” de se manifestar.

Tendo isto em mente, quero compartilhar aqui três momentos muito especiais, onde um processo técnico de gravura foi capaz de aglutinar pessoas das mais diversas áreas com resultados positivos em múltiplos níveis. Trabalho há mais de trinta anos em ateliers coletivos de gravura e sempre me surpreendo com o engajamento do público que vem a esses encontros.

Começamos com uma oficina relacionada à cultura polonesa que aconteceu na Casa da Cultura Polônia-Brasil em dezembro de 2024.

Ali, um processo de gravura direta, o carimbo, foi utilizado para criar formas inspiradas em elementos decorativos que aparecem em peças de arte popular polonesa: pi-sanki, wycinanki, pająki ludowe. Quando entramos em contato com determinada imagem ou técnica, alguma memória afetiva pode vir à tona. E o grupo reconheceu e representou, nos recortes das matrizes de borracha, o que trazia de suas lembranças de família. Foi um encontro único de memória e pertencimento.

Outro encontro em fevereiro deste ano, também na Casa da Cultura Polônia-Brasil, aconteceu paralelamente à exposição “*We Printmakers*”. Esta exposição reuniu dez artistas de oito países diferentes, que trabalham com técnicas tradicionais e contemporâneas de gravura. Uma oficina para conhecimento e experimentação reuniu participantes de diversas áreas de atuação que produziram imagens inspiradas pelo que estes artistas apresentaram como, por exemplo, as linoleogravuras geométricas de Magdalena Kacperska (Polônia) ou as gravuras digitais de Monika Lukowska (Austrália). O olhar expandido através da experiência coletiva trouxe descobertas e identificação de habilidades individuais.

E mais recentemente, em julho, outra vivência com gravura foi realizada no Centro de Documentação e Pesquisa Guido Viaro, do Museu da Gravura Cidade de Curitiba. A técnica desenvolvida também foi a do carimbo, pela sua versatilidade. Desta vez, a conversa foi sobre a trajetória pelos ateliers de gravura que fizeram parte da minha formação como orientadora de litografia e artista. Novamente um grupo eclético se reuniu para amalgamar conteúdos numa produção coletiva.

A vivência em ateliers de gravura no Brasil e na Polônia permitiu que eu pudesse agregar processos, técnicas, conteúdo, inspiração e poética num único momento. É trazer formas de expressão sem restrições acadêmicas ou limites formais para todos que se dispõem a experimentar num atelier coletivo. É um despertar particular para a criatividade.

Juliana Leonor KUDLINSKI

Artista visual, com especialização em gravura – litografia, xilogravura, calcogravura. Formada em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Vive e trabalha em Curitiba..

Sobre polonaises e mazurcas



"Excertos musicais: Na Wawel, na Wawel (A), Mazurek Dąbrowskiego (B), Czerwone jabłuszko (C), Oberek (D) de Bacewicz e, Polonaise (E) de Chopin, conforme texto."

(Aos alunos de música da CCPB).

Uma forma musical pode ser entendida como um conjunto de informações que uma determinada música deve conter para que seja reconhecida como tal ou qual. Essas informações podem estar tanto no imaginário popular quanto no conhecimento formal, permitindo reconhecer estilos musicais, como o samba, sem a necessidade do uso de termos mais técnicos ou de algo escrito, uma vez que é algo que é um tipo de música que permeia os sons entendidos como brasileiros.

Dentro da música, no sentido amplo, que se desenvolveu na Polônia existem igualmente formas musicais que são próprias do país, de maneira geral, associadas a danças, as quais ainda hoje são magnificamente representadas pelos grupos folclóricos no Paraná e no mundo. Parte dessas formas musicais acabaram por ultrapassar essa subordinação à dança e se tornaram formas utilizadas inclusive por grandes compositores, para escrever música. Na sequência, as características dessas formas serão brevemente sistematizadas, seguidas de exemplos musicais para serem ouvidos pelo leitor que deseja se aprofundar e conhecer mais a respeito delas, sendo o foco apenas na música sem pormenores relacionados à dança.

Krakowiak, cracovienne ou cracoviana é uma forma musical escrita em compasso binário, ou seja, dois tempos em cada compasso, com andamento vivo, que apresenta um ritmo sincopado (som que se

inicia em um tempo fraco e se prolonga até um tempo forte) característico de notas curta-longa-curta. Como exemplos, tem-se Na Wawel, na Wawel (A) e Płynie Wisła, płynie tanto nas suas versões folclóricas como nas para piano e voz de Stanisław Moniuszko (1819- 1872) e Francis Poulenc (1899-1963), respectivamente.

Mazurek, mazur, mazurque ou mazurca é escrita compasso de três tempos, andamento razoavelmente vivo, porém menos rápido que o oberek. Possui acentuação característica nos segundos e terceiros tempos de cada compasso, com um ritmo característico próprio, o qual também aparece em outras formas musicais como o oberek e o kujawiak. O ritmo característico da mazurca aparece no início do Hino da Polônia, Mazurek Dąbrowskiego (B) e na Mazurca em Si bemol maior, Op. 7 No. 1 para piano de Frédéric Chopin (1810-1849).

Kujawiak caracterizada por ser em três tempos, tonalidade menor (tende a ser mais melancólica que a tonalidade maior), lírica, com andamento mais calmo e a presença de rubatos (acelerar ou desacelerar ligeiramente o andamento buscando expressividade), compartilha dos ritmos característicos da mazurca. A canção popular Czerwone jabłuszko (C) exemplifica, em muitas de suas interpretações, o lirismo, a melancolia e o andamento mais lento do kujawiak. Para violino e piano, de Henryk Wieniawski (1835-1880), o Kujawiak em Lá menor, apresenta uma versão instrumental para o estilo.

Oberek, ober, obertas ou obereque, também em três tempos, andamento mais vivo de todas, apresenta uma variedade de acentuações e um fluxo rítmico muito livre, pode utilizar ritmos da mazurca, ausência de rubatos em função do andamento muito rápido. Para ouvir, de Wieniawski, Obertas em Sol maior, Op. 19 No. 1 para violino e piano e, para a mesma formação, de Grażyna Bacewicz (1909-1969) o Oberek No. 1 (D).

Polonez, chodzony, polonaise, polacca ou polonesa é em três tempos, andamento moderadamente mais lento que as demais formas. Possui padrões rítmicos característicos, apresenta lirismo e virtuosismo nas versões instrumentais. Pode-se destacar de Wieniawski a Polonaise de Concert, Op. 4, de Henry Vieuxtemps (1820-1881) a polonaise da Ballade et Polonaise Op. 38 e, de Chopin a Polonaise em Lá bemol maior, Op. 53 "Héroïque" e a Polonaise Lá maior, Op. 40 No 1 "Militaire". O padrão rítmico característico aparece de maneira muito clara na introdução da Polonaise em Si bemol maior Op. póstumo (E), de Chopin.

Por fim, cabe observar que a música é uma arte e, como tal, não deve se prender a formas e limites, o que faz com que muitas músicas estilizadas nessas formas nem sempre tenham tão claras as características discutidas. Ouvir os exemplos e reler as definições é um bom exercício para fixar auditivamente e aprender a reconhecê-las.

Referências:

GROVE, George. Dicionário Grove de música: edição concisa. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar, 1994. xi, 1048p., 24 cm. ISBN 9788571103016 (enc.). International Music Score Library Project (IMSLP) / Petrucci Music Library. Disponível em: <https://imslp.org/>. Acesso em: 17 jul 2025.

Thiago CORRÊA DE FREITAS

Professor da UFPR, violinista, motociclista, doutor em Física, com pesquisa sobre aspectos técnicos e sociais dos instrumentos musicais.

Contato: tcf@ufpr.br

Emprego das preposições

Preposição (**przyimek**) é uma palavra invariável que liga duas outras entre si, estabelecendo entre elas certas relações.

Em polonês, as preposições sempre implicam a regência de um caso diferente do nominativo. Por exemplo: **dom za sadem** casa atrás do bosque; **mleko dla kota** leite para o gato.

Há preposições que podem ligar-se com mais de um caso.

Lista das preposições polonesas com os casos que elas implicam: G(enitivo), D(ativo), A(cusativo), I(nstrumental), L(ocativo):

bez(e) + G: **mięso bez kości** carne sem ossos; **beze mnie** sem mim

dla + G: **Kupił prezent dla matki.** Ele comprou um presente para a mãe.

do + G: **Idę do domu.** Estou indo para casa.

dzięki + D: **Wyzdrowiał dzięki staraniom lekarzy.** Ele recuperou a saúde graças aos empenhos dos médicos.

koło + G: **Mieszkał koło cmentarza.** Ele residia perto do cemitério.

ku + D: **Ku mojemu zdziwieniu wcale się nie obraził.** Para o meu espanto, ele absolutamente não se ofendeu.

między + A (direção): **Wszedł między tłum.** Ele entrou no meio da multidão.

między + I (posição): **Polska leży między Rosją a Niemcami.** A Polônia se situa entre a Rússia e a Alemanha.

na + A (direção): **Wyszedł na ulicę.** Ele saiu para a rua.

(tempo): **Przygotuję referat na wtorek.** Vou preparar a palestra para a terça-feira.

na + L (lugar): **Byłem na poczcie.** Estive no correio.

nad + A (direção): **Poszli nad rzekę.** Eles foram em direção ao rio.

nad + I (posição): **Samolot leci nad miastem.** O avião está voando sobre a cidade.

naprzeciw + D (direção): **Wyszedł naprzeciw zbliżającym się gościom.** Saiu ao encontro dos convidados que se aproximavam.

naprzeciw(ko) + G (lugar): **Mieszkał naprzeciw(ko) szkoły.** Ele residia na frente da escola

o + A (finalidade): **Walczyć o wolność.** Lutar pela liberdade.

o + L (assunto, objeto): **Rozmawialiśmy o literaturze.** Estávamos falando sobre literatura; (horas) **o piątej** às cinco (horas)

obok + G: **Ulica przechodzi obok kościoła.** A rua passa ao lado da igreja.

od(e) + G: **Dał mi klucze od mieszkania.** Ele me deu as chaves do apartamento; **On jest starszy ode mnie.** Ele é mais velho que eu.

oprócz + G: **Oprócz historii interesował się literaturą.** Além da história, ele se interessava pela literatura.

po + A (finalidade): **Idę do sklepu po kawę.** Estou indo à loja para comprar café.

po + L (tempo): **Czytał po obiedzie.** Ele lia após o almoço.

po + D na sua forma atual ou antiga (maneira, forma): **po prostu** simplesmente; **po staremu** à moda antiga; **po polsku** em polonês

pod + A (direção): **Kot wszedł pod szafę.** O gato entrou debaixo do armário.

pod(e) + I (posição): **Pies leży pod stołem.** O cão está deitado debaixo da mesa; **pode mną** debaixo de mim

poza + A (direção): **Rzucił piłkę poza płot.** Ele jogou a bola além da cerca.

poza + I (posição): **Dużo czasu spędza poza domem.** Ele passa muito tempo fora de casa.

przeciw(ko) + D: **Wystąpił przeciw korupcji.** Ele se pronunciou contra a corrupção; **Jestem przeciwko takim zmianom.** Sou contrário a tais mudanças.

przed + A (direção): **Samochód zjechał przed dom.** O carro seguiu em direção à casa.

przed(e) + I (posição): **Przed domem stał samochód.** Diante da casa estava estacionado um carro.

(tempo): **Wyjechał przed tygodniem.** Ele partiu há uma semana.

(expressões): **przede wszystkim** sobretudo

przez(e) + A (autoria): **Ta powieść została napisana przez Sienkiewicza.** Este romance foi escrito por Sienkiewicz; **List był pisany przeze mnie.** A carta foi escrita por mim.

(espaço): **Pociąg przejechał przez most.** O trem passou pela ponte.

(tempo): **Mieszkał w Polsce przez całe życie.** Morou na Polônia durante a vida toda.

przy + L: **Siedział przy stole.** Ele estava sentado à mesa.

u + G: **Mieszkał u cioci.** Ele morava com a tia.

w(e) + A (direção): **Spójrz w tamtą stronę.** Olhe para aquele lado.

(dias da semana): **w sobotę** no sábado; **we wtorek** na terça-feira

w(e) + L (lugar): **On mieszka w pięknym apartamencie.** Ele mora num belo apartamento; **Ona mieszka we Włoszech.** Ela mora na Itália.

(meses): **w styczniu** em janeiro; **we wrześniu** em setembro

wbrew + D: **Wbrew oczekiwaniom zajął pierwsze miejsce.** Contrariamente às expectativas, ele obteve o primeiro lugar.

wśród + G: **Miasteczko leżało wśród niewielkich gór.** A cidadezinha localizava-se em meio a baixas colinas.

z(e) + G (origem): **Wyjechał z domu / ze wsi.** Ele partiu de casa / da aldeia.

z(e) + I (companhia): **Wyjechał z żoną.** Ele viajou com a esposa; **ze mną** comigo

za + A (tempo): **Wróć za miesiąc.** Volto dentro de um mês.

(direção): **Wjedź za ten dom.** Entre (com o carro) por trás desta casa.

za + G (tempo): **za okupacji** durante a ocupação (estrangeira).

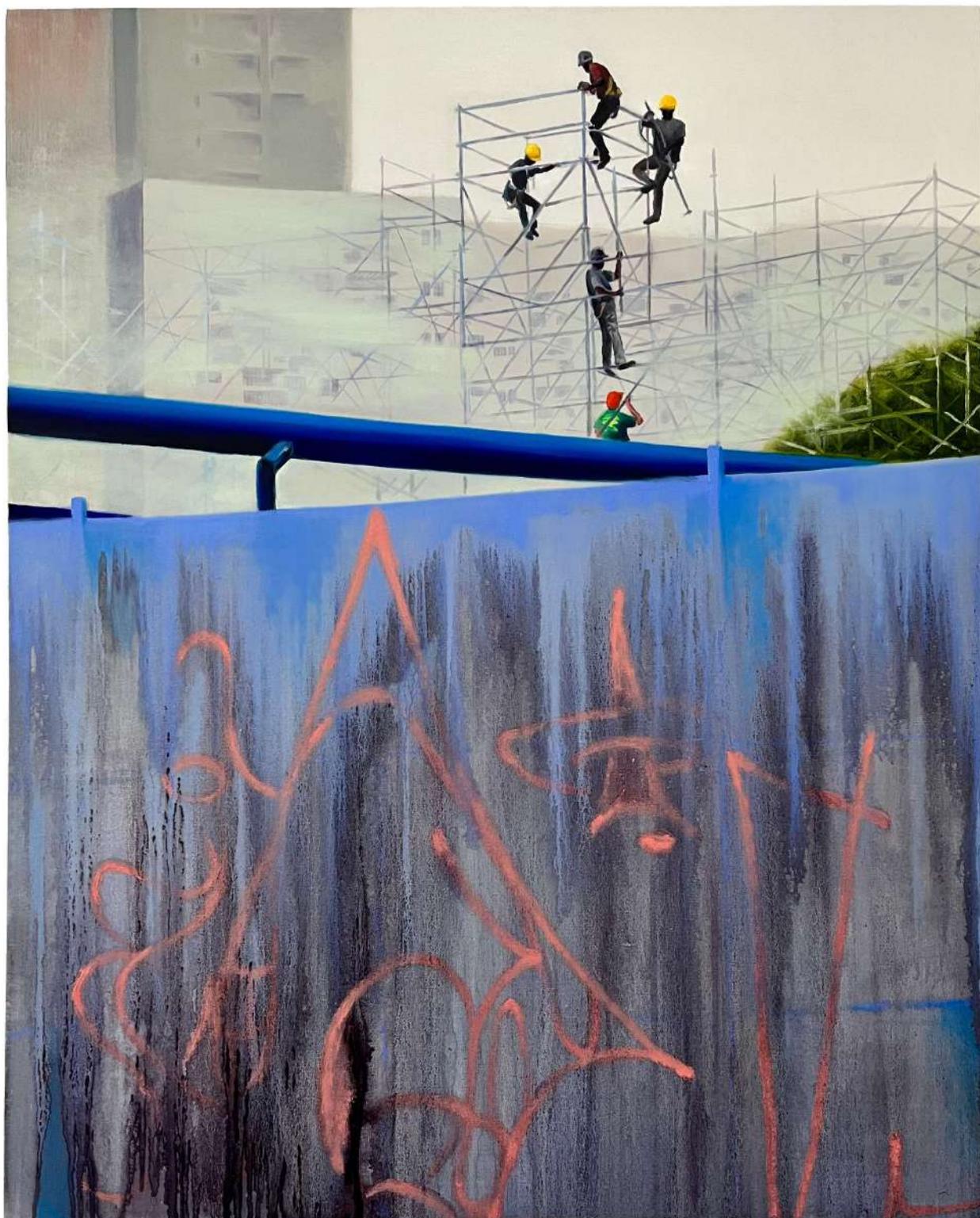
za + I (posição): **Za domem był ogród.** Atrás da casa havia um pomar.

Mariano KAWKA

Professor, tradutor, lexicógrafo. Licenciado em Letras Português-Ingês pela PUC-PR e Mestre em Língua Portuguesa pela mesma Universidade. Autor do Dicionário Polonês-Português/Português-Polonês, publicado em 2015 no Brasil (Porto Alegre) e na Polônia (Varsóvia).

O infinito e o intervalo: a poética visual de Wojtek Kostrzewa

"O infinito para Wojtek Kostrzewa (Varsóvia, 1987) fala de um labirinto transparente, uma continuidade de uma linha reta, tão visível quanto um fio de metal, e incessante. Onde, em um interior imaginário, deitado ou curvado, é possível encontrar suas estrelas. Do chão ao céu. Experimentando um autorretrato corporal do artista." (Genevra Bria)



"Líderes do trabalho", óleo sobre tela, 100x80cm. Wojtek Kostrzewa, 2025



"Modulor", ferro, 185x60x30x120cm. Wojtek Kostrzewa, 2018-2025

A metáfora criada por Ginevra Bria, escrita com a delicadeza de quem lê as formas como se sente a pulsação de um corpo, abre uma fresta para a obra de Wojtek Kostrzewa, artista polonês radicado em São Paulo. Em seus trabalhos, o tempo parece se estender como uma linha metálica, silenciosa e infinita, um gesto contínuo de encontro entre corpo e matéria.



"Paisagem/Acabo", óleo, chrome sobre tela, 65x65cm. Wojtek Kostrzewa, 2025

Cada trabalho de Wojtek parece convocar um instante suspenso: a dobra entre o visível e o quase-esquecido, o industrial e o íntimo, o rigor construtivo e o resíduo poético. Em uma de suas pinturas, vemos operários subindo em andaimes sutis como caligrafia arquitetônica, estruturas de trabalho e sobrevivência em contraste com o azul do grafite que escorre, como se a cidade chorasse memória. Em outra obra, repetições da palavra "Acabo" aparecem como vestígios estampados sobre tecido: não como ponto final, mas como reverberação insistente de algo que se desfaz e retorna.

Em suas esculturas, a leveza do metal, grade e sombra, transforma-se em esqueleto de embarcação, capela, corpo ou cápsula de tempo. A sombra projetada no chão parece mais sólida do que o próprio objeto, sugerindo uma arquitetura do invisível. Em outro trabalho, formas de marmitas



"Marmitas", alumínio, 80x50cm. Wojtek Kostrzewa, 2024

militares em alumínio compõem quase uma cruz: oferenda, ruína ou mapa de sobrevivência. Um gesto de reorganizar o cotidiano à maneira de um altar pós-industrial.

Kostrzewa nos oferece sempre essa ambiguidade fecunda: entre contenção e intensidade, ordem e dispersão, política e afeto. Sua arte é um dispositivo de escuta, que se estrutura como quem constrói uma linha do tempo, conectando corpos e ausências.

Ao reunir estas imagens de seu trabalho, celebramos não apenas a presença de Wojtek como artista convidado para realizar a capa desta edição, mas a complexidade de sua linguagem, que nos atravessa em silêncio, como um fio de metal contínuo: do chão ao céu.

Izabel LIVISKI

Professora e Fotojornalista. Editora do TAK! Agenda Cultural Polônia Brasil e coeditora da Revista ContemporArtes.

Polskie Sokoły

No coração do Brasil, na pequena cidade de Papanduva, a tradição polonesa vai melhor do que muito folclore nativo na Polônia. O coro "Polskie Sokoły" não apenas canta — ele conta, com sua presença, uma história de saudade, memória e alegria em preservar as raízes ancestrais. Com entusiasmo, coração e guirlandas feitas à mão — é isso que é a Polônia sob o céu brasileiro.

"W zielonym gaju", "Czerwone jabłuszko", "Białe róże", "Czarna Madonna" — alguém poderia pensar que é uma sequência para ensinar cores no jardim de infância. Mas são apenas os sucessos favoritos do coro Polskie Sokoły, que atua com orgulho no estado de Santa Catarina. Música pop polonesa moderna? Nem pensar. Disco polo? Obrigado, mas não. Seus corações batem ao ritmo de canções religiosas e folclóricas. Embora... uma vez eles cantaram "Lambada" — em polonês, claro! O público ficou encantado, e as senhoras mais velhas andaram pela cidade por uma semana com as bochechas coradas de tanta empolgação.

Independentemente do repertório, o maior sucesso deles, o hino indiscutível, é "Hej, Sokoły". É justamente dessa canção que tiraram o nome do coro. Eles adorariam cantá-la em todo evento, mas têm medo de cansar a audiência.

Há quase cinco anos, três entusiastas de Papanduva — com os simpáticos nomes Ana, Alois e Maria Luiza, nome artístico Malu, que atualmente rege o coral — tiveram uma ideia: "E se formássemos um coral?" Não por fama ou prêmios, mas para reunir quem, assim como eles, ama a música e a língua polonesa. Queriam cantar juntos, preservar a tradição e compartilhar o que os une: a paixão pela Polônia, mesmo que seja apenas aquela das histórias da bisavó e do bisavô.

Eles então reuniram os primeiros voluntários — conhecidos, vizinhos e um irmão com violão. As primeiras sessões ocorriam na sala da casa da cultura, mas o local logo foi levado pela enchente. O repertório? Escolhiam canções nada complicadas, pois ainda se



enrolavam nas palavras polonesas. Ninguém tinha partituras, mas todos tinham coração.

E os trajes? Bem... improvisados. Quem tinha uma saia florida já era quase profissional. Eles não faziam ideia de cantar em coral, mas estavam todos de acordo: cantaríamos mesmo que o mundo desabasse.

E assim, devagarinho, ensaio após ensaio, começou a nascer algo único — o coro Polskie Sokoły. Hoje, seu canto ecoa na capela, na igreja, na praça da cidade e nos corações daqueles que conhecem o sabor da saudade por uma pátria ancestral.

O grupo é composto principalmente por mulheres — e vocês sabem o que isso significa: a eterna pergunta “o que vou vestir?” Saia florida? Obrigatória. E a blusa? Às vezes branca, às vezes vermelha, às vezes verde — afinal, cada cor tem seu charme. Avental, colares, guirlanda de flores artificiais compradas numa lojinha chinesa — feitas com arte genuína. Às vezes algo fica torto, às vezes uma flor cai, mas o efeito é sempre encantador. Meias-calças claras ou escuras. E quando estão ali, de saias esvoaçantes na praça, prontas para cantar — causam impressão. Cantam para o prefeito, para os moradores, para os transeuntes. E até para quem foi apenas curtir um churrasco e uma cerveja.

Eles se apresentam em festivais, feiras, festas locais — tanto civis quanto religiosas. Às vezes, o show faz parte do evento “promoção de talentos locais”, outras vezes é uma surpresa ao lado do Papai Noel. A cidade os aprecia, os coralistas ficam felizes, e o público sempre encontra algo cativante nessas melodias tingidas de nostalgia.

Infelizmente, os homens no coro têm diminuído — ou desistiram, ou preferem torcer da plateia. Mas, quando aparece algum, logo faz sucesso — porque voz masculina atualmente é um verdadeiro achado. E embora o maior dilema deles com roupa seja “a camisa está passada?”, eles fazem parte do grupo e são igualmente importantes.

E não é só o prefeito que pede apresentação. Frequentemente, o pároco local também solicita a presença deles. O coro Polskie Sokoły consegue abrilhantar a missa, e quando visitantes de Videira (SC) chegaram a Papanduva, não podia faltar seu canto. Os visitantes queriam ver a capela de São João Paulo II — orgulho da Polônia local. A capela foi construída graças ao esforço dos descendentes poloneses. E, embora sobre seu telhado nunca voe um falcão, frequentemente passa por ali a curicaca ou o João-de-barro, e o canto em polonês é

ouvido com frequência. E que canto!

Às vezes, algum dos membros declama poesia — ora comovente, ora com um leve sorriso. Um exemplo? “W pamiętniku Zofii Bobrówny”, de Juliusz Słowacki. Porque onde, senão aqui, entre pessoas que carregam a saudade pela terra de seus ancestrais, podemos compreender melhor a beleza de palavras sobre uma pátria perdida, juventude passageira e o amor — o romântico e o amor pela pátria.

Apesar dos milhares de quilômetros e algumas gerações longe da Polônia, o espírito ancestral ainda vive neles. E embora alguns coralistas nunca tenham estado às margens do Vístula, falam com convicção: “Polônia é nossa história, nossas canções, nossas avós e avôs — e aquilo que sentimos quando cantamos.”

Uma coisa é certa: enquanto em Papanduva ressoar “Hej, Sokoły”, a tradição polonesa estará viva — para o prefeito e o pároco. Porque, como dizem os próprios coralistas: “Aqui não se canta apenas. Aqui se lembra.”

Renata MATUSIAK

Filóloga polonesa, viajante e palestrante, viaja sozinha para regiões menos conhecidas do mundo. Publica em revistas de viagem e participa do programa “Obieźyświat” na Rádio Opole. Enviada pelo ORPEG (Centro de Desenvolvimento da Educação Polonesa no Exterior) para trabalhar com os descendentes de poloneses.

Site da ORPEG: <https://www.orpeg.pl/>



Componentes do Coro “Polskie Sokoły”, de Papanduva. Foto: Acervo pessoal

Zasługi Polonii dla niepodległości Polski

Polacy za granicą wielokrotnie, w najtrudniejszych chwilach dla polskiej państwowości, potrafili aktywnie wspierać starania niepodległościowe, walkę o polską demokrację, społeczeństwo obywatelskie, czy też prawdę historyczną.

Już podczas wojen napoleońskich znaczący wysiłek wojskowy i intelektualny, którego celem było odzyskanie niepodległości Polski, podejmowany był przez polskich emigrantów we Francji oraz we Włoszech. Polskie legiony walczyły u boku wojsk napoleońskich w przekonaniu, że walczą o odrodzenie Polski. Mazurek Dąbrowskiego powstał w 1797 r. na potrzeby polskich żołnierzy przygotowujących się we Włoszech do walki o Polskę.

W kolejnych latach polscy emigranci we Francji i Anglii podejmowali inicjatywy wspierające zrywy niepodległościowe na terenie zaborów. Gdy upadło Powstanie Styczniowe dążyli do umiędzynarodowienia polskich oczekiwań niepodległościowych i pozyskania dla odrodzenia polskiej państwowości przychylności mocarstw. W te działania, na początku XX wieku, zaczęła włączać się rosnąca w siłę Polonia zamieszkała na kontynencie amerykańskim. Zapewne pod wpływem opinii zasłyszanych od polskich emigrantów, niespodziewanym sojusznikiem polskich starań niepodległościowych, na II Międzynarodowej Konferencji Pokojowej w Hadze w 1907 r, stał się wybitny brazylijski mąż stanu - Ruy Barbosa. 10 lat później, w USA, Ignacy Paderewski wraz z miejscowymi Polakami zdołał przekonać prezydenta Woodrowa Wilsona, do zamieszczenia w swoim ultimatum uzależniającym podpisanie przez Stany Zjednoczone traktatu wersalskiego, warunku zgody państw stron traktatu na niepodległość Polski.

W tym samym roku 1917, we Francji, rozpoczęło się tworzenie polskiej Błękitnej Armii, nad którą w 1918 r. dowództwo objął generał Józef Haller.

Armia została zorganizowana na zasadzie zaciągu ochotniczego m.in. spośród Polaków służących w wojsku francuskim i polskich jeńców wojennych, a także z polonijnych ochotników z USA, Francji, Kanady i Brazy-

lii (oraz przy wsparciu finansowym Polonii z tych krajów). Armia Hallera, liczyła pod koniec 1918 r. 100 tys. żołnierzy, była doskonale uzbrojona i wyszkolona, a po jej przetrzuceniu w 1919 r. do Polski, odegrała u boku wojsk Piłsudskiego kluczową rolę w zwycięskiej wojnie polsko-bolszewickiej.

Gdy w 1939 roku Polska ponownie utraciła niepodległość, Polonia po raz kolejny odegrała niezwykle istotną rolę w walce o jej odzyskanie. Rząd Polski na uchodźstwie mógł liczyć na Polonię, jako na rzecznika interesów lobbującego za polską racją stanu, zaangażowanego w pomoc dla okupowanej Polski i współfinansowanie sił zbrojnych na zachodzie. Polskie wojsko walczące u boku aliantów wsparły niezliczone rzesze zesańców z Sowieckiej Rosji, oraz ochotników z USA, Francji, Wielkiej Brytanii, Kanady, Brazylii oraz innych krajów. Należy też pamiętać, że w uczestniczących w walkach kontyngentach alianckich wojsk USA, Wielkiej Brytanii, Kanady i Brazylii wielu żołnierzy wywodziło się z rodzin polonijnych. W walczącym we Włoszech kontyngencie brazylijskim było to ok. 30% stanu osobowego wojsk.

W 1943 r. ujawniona została prawda o Katyniu, ale państwa alianckie nie miały interesu, aby ją nagłośnić. Osłabiałoby to, w trakcie wciąż nierozstrzygniętych działań wojennych, zasadność ich sojuszu z Rosją Sowiecką. Dopiero w 1952 r. dzięki staraniom Polonii w USA ustalenia Komisji Śledczej Kongresu Stanów Zjednoczonych do Zbadania Zbrodni Katyńskiej zostały szeroko rozpowszechnione na świecie.

Warto również pamiętać, że w latach 80-tych, gdy w Polsce zapoczątkowany został proces przemian demokratycznych, NSZZ „Solidarność” otrzymywał niezliczone dary i pomoc finansową od Polonii z całego świata.

Trzeba również odnotować zasługi Polonii we wspieraniu wejścia Polski do NATO i UE, co ułatwiło nasze wkomponowanie się w cywilizację zachodnią i stanowi w obecnej skomplikowanej sytuacji międzynarodowej, związanej z rosyjskim imperializmem i agresją na Ukrainę, ważny atut, zwiększający nasze bezpieczeństwo.

Contribuições da Diáspora Polonesa para a Independência da Polônia

Historicamente, os poloneses e seus descendentes no exterior têm repetidamente apoiado os esforços pela independência da Polônia, a luta pela democracia polonesa, pela sociedade civil e pela verdade histórica.

Já durante as Guerras Napoleônicas, significativos esforços militares e intelectuais visando à recuperação da independência da Polônia foram empreendidos por emigrantes poloneses na França e na Itália. Legiões polonesas lutaram ao lado das tropas de Napoleão, convencidas de que seu objetivo era o renascimento da Polônia. O hino polonês foi composto em 1797 para atender às necessidades dos soldados poloneses que se preparavam na Itália para lutar pelo seu país.

Nos anos seguintes, emigrantes poloneses na França e na Inglaterra empreenderam iniciativas para apoiar levantes de independência nos territórios partilhados. Após o colapso da Revolta de Janeiro, eles buscaram internacionalizar as aspirações de independência da Polônia e conquistar o apoio das grandes potências para o renascimento do Estado polonês. No início do século XX, a crescente diáspora polonesa que vivia nas Américas começou a se juntar a esses esforços. Talvez influenciado pelas opiniões ouvidas de emigrantes poloneses, o eminente estadista brasileiro Ruy Barbosa tornou-se um aliado inesperado dos esforços de independência da Polônia na Segunda Conferência Internacional de Paz, realizada em Haia,

MEMÓRIAS DE UM CÔNSUL APOSENTADO



A moderna Varsóvia, com o Palácio da Cultura e Ciência em primeiro plano. Foto: Marek Makowski

em 1907. Dez anos depois, nos Estados Unidos, Ignacy Paderewski, juntamente a conterrâneos locais, conseguiu convencer o presidente Woodrow Wilson a incluir em seu ultimato - antes de assinar o Tratado de Versalhes - a condição de que os Estados signatários do tratado concordassem com a independência da Polônia.

No mesmo ano, 1917, teve início a formação do Exército Azul Polonês na França, que foi assumido pelo General Józef Haller em 1918.

O exército foi organizado de forma voluntária, incluindo poloneses servindo antes no exército francês e prisioneiros de guerra poloneses, bem como voluntários da diáspora polonesa dos Estados Unidos, França, Canadá e Brasil (e com apoio financeiro da diáspora polonesa nesses países). O exército de Haller, que contava com 100.000 soldados no final de 1918, estava excelentemente armado e treinado. Após a sua chegada na Polônia em 1919, desempenhou um papel fundamental ao lado das forças de Piłsudski na vitoriosa Guerra Polono-Bolchevique.

Quando a Polônia perdeu sua independência novamente em 1939, a diáspora polonesa mais uma vez desempenhou um papel crucial na luta para reconquistá-la. O governo polonês no exílio podia contar com a diáspora polonesa fazendo lobby pela causa polonesa, ajudando a financiar as forças armadas polonesas no Ocidente. O exército polonês que lutava ao lado dos Aliados contava com inúmeros soldados exilados da Rússia Soviética e voluntários dos EUA, França, Grã-Bretanha, Canadá, Brasil e outros países. Vale lembrar também que muitos soldados dos contingentes aliados dos EUA, Reino Unido, Canadá e Brasil que participaram dos combates eram oriundos de famílias polonesas. No contingente brasileiro que lutava na Itália, esse número representava aproximadamente 30% das tropas.

Em 1943, a verdade sobre Katyń foi revelada, só que as potências aliadas não tinham interesse em divulgá-la. Isso poderia minar a legitimidade de sua aliança com a Rússia Soviética durante a guerra ainda não decidida. Mas em 1952,

graças aos esforços da comunidade polonesa nos EUA, a Comissão de Inquérito do Congresso dos EUA sobre o Massacre de Katyń, chegou às verdadeiras conclusões que foram mundialmente divulgadas.

Muito importante na década de 1980, quando se iniciou o processo de transformação democrática na Polônia, foi a ajuda e assistência financeira que o sindicato Solidariedade recebeu de comunidades polonesas ao redor do mundo.

Vale destacar também a contribuição da diáspora polonesa no apoio à entrada da Polônia na OTAN e na UE, o que facilitou nossa integração à civilização ocidental e, na complexa situação internacional da atualidade, relacionada ao imperialismo russo e à agressão à Ucrânia, constitui um importante trunfo que aumenta nossa segurança.

Marek MAKOWSKI

Nascido em Varsóvia, formado em economia pela Escola Geral de Planejamento e Estatística da mesma cidade. Em 1979 iniciou a carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores da Polônia. Cônsul em Curitiba nos anos 1986-1991; 1995-2001; 2012-2018. Nos anos 2004-2008 foi Embaixador da República da Polónia no Panamá. Condecorações brasileiras: "Ordem do Pinheiro" do Estado do Paraná; "Cidadão Honorário" de Curitiba, Iratí/ PR, e Áurea/RS.

Sal da Terra

*Pelas mãos de minha avó Apollonia
tudo de bom no chão brotava, grassava.
Perguntada em que lua plantava,
"Lua nada, planto na terra mesmo!", dizia risonha.*

*Coração de mãe, em seu quintal de misturas
sempre mais uma cabia
entre ervas, flores, legumes e verduras:
pepino e Palma de Santa Rita,
repolho ao lado da rosa
que no maracujá se enrosca,
com o chuchu na cerca e a losna.
Ao pé do mandacaru florava o endro
e tinha papoula, de tempo em tempo.
Ah, do galinheiro vinha o adubo,
por nós conhecido como nawóz, ou esterco.*

*Dito isso, e disso tudo,
fora a memória, sua enxadinha gasta é só o que agora tenho.*



A herança da avó ao lado de "A Enxadinha",
obra do artista Hélio Leites - coleção Claudio Boczon

Claudio BOCZON

Artista plástico, poeta e polaco - não necessariamente nesta ordem.

Fundação José Walendowsky



Família, amigos e assessores de Ivan Walendowsky quando do recebimento da concessão de cidadania polonesa para Ivan Filho, Luis Antônio, João Paulo e netas, através do Cônsul Wojciech Baczynski, em Curitiba/PR. Foto: Acervo Fundação J.W.

Um dia histórico para a Fundação José Walendowsky e para a família de seu Ivan e dona Célia Walendowsky. Dia 28 de julho, no Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba, Ivan José Walendowsky Filho e suas filhas Natasha e Lorraine, Luis Antônio Loyola Walendowsky e suas filhas Sofia, Vitória e Luísa e João Paulo Loyola Walendowsky receberam das mãos do Senhor Cônsul-Geral da República da Polónia Wojciech Baczynski, a concessão da cidadania polonesa conforme a Constituição Polonesa e a Lei da Cidadania, de 2009. Um momento marcante na vida

destas pessoas que reforçam os laços entre a Polónia e o Brasil. Após a cerimônia, o Cônsul Wojciech recebeu das mãos do Presidente da Fundação, Luis Antônio, o convite oficial para o 16º Evento Cultural Polonês, que acontece em Brusque, nos dias 23 e 24 de agosto. O Cônsul Wojciech confirmou imediatamente que estará presente com sua família nas comemorações dos 156 anos da Imigração Polonesa no Brasil.

Nilton PROENÇA

Assessor de Comunicação da Fundação José Walendowsky.

Perspectivas da imigração polonesa no Paraná, por Zigmunt Chelmicki (1891)

Para o padre polonês Zigmunt Chelmicki (1891) os imigrantes poloneses que vieram ao Brasil foram vítimas da “febre brasileira” que difundia a ideia que iriam enriquecer, essa ideia era difundida por agentes de imigração gananciosos e inescrupulosos, além de ser mantida por fazendeiros paulistas que queriam ampliar suas lavouras de café através da exploração de mão-de-obra barata estrangeira. O padre Chelmicki foi convidado à viajar para o Brasil para verificar como os imigrantes poloneses estavam sendo tratados e seu relato é por vezes chocante, descrevendo diversas formas de violência e abusos cometidos por agentes do governo brasileiro da época.

Na viagem para o Brasil, segundo relata o padre, os solteiros iam na proa, as solteiras na popa e os casais com filhos na parte central do barco. Nenhum dos passageiros sabia ao certo o que encontraria no Brasil. No jornal carioca “Jornal do Comércio” foi dito que ele deveria ser expulso do Brasil, pois, “subvertia a ordem”, isso segundo o padre mostrava o tipo de mentalidade autoritária de determinados políticos ligados aos fazendeiros na época.

No relato descrições terríveis são apresentadas, de imigrantes poloneses que perderam quase toda a família na viagem e já no Brasil, por fome e maus tratamentos. Algumas famílias brasileiras tentavam raptar ou mesmo comprar meninas polonesas, famílias inteiras eram separadas logo que chegavam ao Brasil devido a truculência dos agentes aqui instalados para a recolocação. Nos barracões destinados aos poloneses recém-chegados o padre encontrou condições insalubres, todos dormiam juntos e comiam de forma precária. O ambiente era fétido, vários doentes se amontoavam e crianças choravam de fome, o padre enfatizava que a situação “não difere muito do antigo comércio de escravos”.

O padre atribui o descontrole migratório para o Brasil aos agentes

de imigração, que recebiam por quantidade de imigrantes que entrassem no território brasileiro e a quantidade destes que entrou foi muito maior do que a estrutura brasileira estava preparada. Isso se deve ao fato que a república no Brasil foi proclamada para agradar fazendeiros de café que queriam multidões de trabalhadores baratos, além da centralização de recursos públicos em São Paulo, de onde podiam fazer tráfico de influência e desvios de verbas públicas. Como o próprio padre declarou: “O destino de centenas de milhares de pessoas está nas mãos de agentes que não são motivados por nenhum outro objetivo senão este – o maior lucro possível.”

Segundo o padre a inércia cultural da política brasileira não ofereceu impedimentos ao golpe republicano, isso enfraqueceu qualquer estrutura de combate a corrupção e foi nesse ambiente que agentes de imigração corruptos e gananciosos trouxeram multidões de imigrantes para um país que não tinha estrutura e intenção de cumprir nenhuma de suas promessas. Mesmo com a primeira constituição da república brasileira tendo sido uma cópia da estadunidense isso não garantiu maiores liberdades para nenhum dos grupos de imigrantes que vieram ao Brasil.

O padre afirmava que o sonho de voltar para a Europa era o que animava muitos imigrantes. Ao serem confinados em barracões alguns imigrantes poloneses se recusavam à sair: “...não sairemos daqui para essas florestas e banhados. Ou nos dão as terras, como prometeram, ou nos mandam de volta ou morreremos”. O imigrante polonês foi atraído ao Brasil pela ideia de enriquecimento, mas como tinham fazendeiros brutais, acabavam fugindo novamente para a Casa do Imigrante e de lá se recusavam a sair.

Entre outras dificuldades que os imigrantes poloneses enfrentaram estava a língua e alimentação, além do calor intenso tinha os mosquitos, a perca da fé que

acabava desarticulando a comunidade. Outro grave problema, segundo o padre, era a vegetação espessa do Brasil: “Diante dessa enorme vegetação estrangulada, está lá esse colono frágil, perplexo, sem saber o que fazer, nem por onde começar. Ninguém lhe ensina nada, nem ele pode obter conselhos sem entender a língua”.

O padre Chelmicki relatou que os índios botocudos atacavam os colonos poloneses, matavam alguns imigrantes de forma cruel e raptavam meninas polonesas. O padre critica ainda o enorme poder de compra e venda que os fazendeiros tinham sobre os imigrantes, que eram obrigados a comprar somente na venda do fazendeiro, uma espécie de escravidão por dívidas que o padre observou não dever ocorrer em nenhuma outra parte do mundo. O padre afirma que o Brasil não estava preparado para uma colonização naquela escala, condenando o despreparo governamental, a corrupção de agentes de imigração tanto poloneses quanto brasileiros e a terrível desumanização com que os imigrantes foram tratados por fazendeiros que ainda agiam como se fossem senhores de escravos.

A imigração polonesa possui diversas facetas que devem ser colocadas em destaque para qualquer estudo da formação de uma cultura polonesa em terras brasileiras. Em alguns aspectos elementos que trouxeram da Europa foram adaptados ou reproduzidos, mas também existiram desafios inimagináveis que os poloneses tiveram que enfrentar na terra que escolheram para reiniciar suas vidas, uma terra linda e brutal, que lhes ofereceu “o novo” em todos os sentidos inimagináveis.

Referências:

CHELMICKI, Zigmunt. *Imigrantes Poloneses no Brasil em 1891*. Edições do Senado Federal. Vol. 139. Brasília. 2010.

Rudinei CAMPRA

Mestre em História Social, UEL.

Participa do Grupo de Estudos Poloneses da UFPR.

Cem anos do falecimento de Reymont

Neste ano de 2025 completa-se um século do falecimento de **Władysław Stanisław Reymont**, o escritor polonês ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1924.

Na época, outros renomados escritores disputavam a preferência da Academia Sueca. Stefan Żeromski, George Bernard Shaw, Maxim Gorki e Thomas Mann também queriam o Prêmio. O pêndulo se inclinou para Reymont sob a justificativa de que o seu livro *Chłopi* (Os Camponeses) se caracterizava como “uma grande epopeia nacional em que a harmonia sinfônica de suas proporções e a riqueza de seus matizes constituíam um hino à vida de um povo que se ufana da sua terra ancestral.”

Władysław Reymont viveu uma existência de muitas dificuldades, tendo conseguido estabilidade econômica e recebido reconhecimento literário somente mais tarde; no final, quando foi galardoado com o Prêmio, encontrava-se muito doente, a ponto de não ter ido a Estocolmo receber pessoalmente a honraria.

Reymont nasceu em 7 de maio de 1867 na localidade de Kobile Wielkie, perto de Radomsko, e faleceu em 5 de dezembro de 1925, em Varsóvia. Foi o quinto filho de Josef Rejmont, um organista de aldeia, e de Antonina, nascida Kupczynska. Ao resumir a sua biografia para a Academia, sobre a fase inicial da sua vida ele escreveu:

Eu tinha vinte e dois anos. Era saudável, tinha apenas um terno e botas furadas. Tinha fé no mundo e mil projetos ousados em mente. Escrevia febrilmente: dramas em dez atos, romances sem fim, contos em vários volumes, poemas. Depois, rasgava tudo impiedosamente e queimava. Vivía em solidão; não tinha amigos; tanto as autoridades quanto meus colegas de trabalho me tratavam de forma desfavorável; eu cumpria mal meus deveres. Não conseguia me adaptar nem à mentalidade das pessoas ao meu redor nem às minhas condições de existência. Tudo isso era doloroso e difícil de suportar.

Reymont não completou estudos formais, tendo trabalhado desde cedo em variadas funções; foi aprendiz de lojista, alfaiate, noviço em um mosteiro paulino, funcionário ferroviário, ator de circo, etc.

Em 1902, casou-se com Aurelia Szablowska, uma enfermeira que conhecera enquanto se recuperava de um acidente ferroviário, que lhe rendeu uma indenização substancial e lhe permitiu se dedicar melhor à escrita. O casal viajou a Paris, onde ele concluiu a sua obra principal.

A sua produção literária começou em 1896 com o romance *Komediantka*. Na verdade, um pouco antes. Em 1895, quando estava no fundo do poço, Reymont acompanhou uma peregrinação para Częstochowa e conseguiu que um diário de Varsóvia publicasse seus relatos, denominados *Pielgrzymka do Jasnej Góry* (Peregrinação à Montanha da Luz), que lhe renderam 25 rublos e agradaram os críticos por sua representação da psicologia coletiva. Alguns meses depois, escreveu *Komediantka* e não mais parou. Reymont se baseava

na experiência e usou seus sofrimentos e suas aventuras como matéria-prima para a sua ficção. As anotações de um diário, mantido durante os anos de 1884 e 1894, lhe serviram de guia.

As suas obras mais festejadas são os romances *Ziemia Obiecana* (Terra Prometida), de 1899, e *Chłopi* (Os Camponeses), escrito entre 1904 e 1909.

Ziemia Obiecana (Terra Prometida).

O título dessa obra carrega uma certa ironia. Nela, Reymont pinta a vida na cidade de Łódź com uma visão crítica da exploração da classe trabalhadora e da imoralidade dos capitalistas. Aparece a efervescência do seu desenvolvimento econômico no final do século 19, devido à indústria têxtil, quando ficou conhecida como a "Manchester Centro-Europeia". Na trama, os novos-ricos, oriundos da pequena burguesia, se misturam a alguns nobres e aos muitos trabalhadores migrados da zona rural, constituindo um amálgama heterogêneo de ambições e esforços no contexto dessa nova sociedade. O protagonista é Karol Borowiecki, um jovem polonês ambicioso que trabalha como gerente de fábrica, entrelaçando-se a sua história com a de personagens que vivem uma saga de injustiças, cinismo, paixão, heroísmo e lutas. Em certa altura, o herói diz:

“Mas lembre-se: você está em Łódź. Como vejo, você sempre se esquece da ilusão de fazer negócios com pessoas civilizadas da Europa. Łódź é uma floresta, uma selva — na qual, se você tiver garras fortes e boas, pode avançar sem medo e acabar com seus vizinhos; caso contrário, eles cairão sobre você, sugarão você até secar e depois jogarão fora sua carcaça.”

Nessa obra, Reymont mostra a sua capacidade de descrever com realismo e simplicidade ambientes e pessoas, convencendo a crítica especializada e conquistando o interesse dos leitores. *Terra Prometida* foi versada para mais de quinze idiomas. Não é disponível em língua portuguesa; em espanhol, tem o título *La tierra de la gran promesa*, publicada em 2006 pela Editora La Otra Orilla - Belacqva, de Barcelona.

Chłopi (Os Camponeses)

Trata-se de um extenso e minucioso panorama da vida aldeã. Sobre a obra, Reymont declarou:

Em 1903-04 publiquei a primeira versão de *Chłopi*; a princípio era apenas um volume. Queimei-o e reescrevi-o. Desta vez, foi dividido em quatro volumes (1904-09).

Cada volume corresponde a uma estação do ano. O enredo é situado na aldeia de Lipce. O foco é um triângulo amoroso entre o pai, Maciej Boryna, seu filho Antek, e a bela Jagna. Esse fio condutor serve de pretexto para o autor explorar questões importantes da sociedade nacional da época, como a divisão de

MEMÓRIA

classes, o apego à terra, a pobreza e a emigração. No *Boletim Tak!* número 29, de março-abril de 2023, publicamos uma resenha mais detalhada desse livro, podendo ser consultada nas páginas 8 a 11 daquela edição.

Chłopi foi traduzido para os idiomas alemão, sueco, inglês e francês, mas não para o português; em espanhol, leva o título “Los Campesinos”, publicado em Madri, em 1960, pela Editora Aguilar.

Obras principais:

- *Komediantka*, 1896
- *Fermenty*, 1897
- *Spotkanie: szkice i obrazki*, 1897
- *Lili: żałosna idylla*, 1899
- *Ziemia obiecana*, 1899, 2 vol.
- *Sprawiedliwie*, 1899
- *Chłopi*, 1904-1909, 4 vol.
- *Na krawędzi: opowiadania*, 1907
- *Wampir*, 1911
- *Rok 1794: powieść historyczna*, 1913-1918, 3 vol.
- *Przysięga: nowele*, 1917

As obras completas de Reymont foram publicadas em trinta e seis volumes, em Varsóvia nos anos 1930-32, e suas obras selecionadas, em doze volumes, em Cracóvia, em 1957.

Czesław Miłosz diz que, embora Reymont tenha continuado a escrever prolificamente, ele não obteve o mesmo sucesso popular e crítico que saudou Os Camponeses: “Sua energia parece ter sido gasta naquele grande esforço de sua carreira literária.”

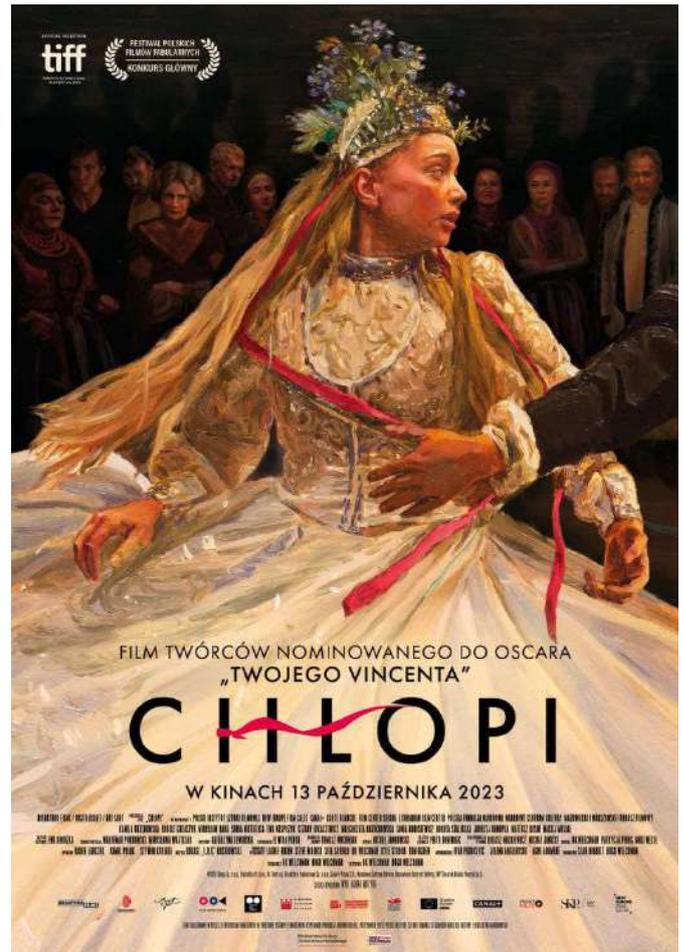
Em 1924, no final de sua autobiografia para a Academia, Reymont assinalou:

Em abril de 1919, parti para os Estados Unidos a fim de visitar meus compatriotas naquele país. Voltei em 1920. Em 1922-23, escrevi *Bunt* (Desafio) e comecei a ter problemas cardíacos. Ainda tenho muitas coisas a dizer e desejo muito torná-las públicas, mas será que a morte me permitirá?

Infelizmente, foi impedido por uma cardiopatia. Em português, dispomos apenas de *A Lei do Cnute e Contos*. No original: *Z Ziemy Chelmskiej* (Reportagem sobre a Região de Chelm), de 1910, que forma o volume referente ao autor da Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura, publicado em 1963 pela Editora Delta, com 196 páginas.

A obra de Reymont foi adaptada para o cinema e a televisão diversas vezes.

Chłopi foi filmada em 1922 e, mais recentemente, em 2023, no formato animação, pelo britânico Hugh Welchman e sua esposa, Dorotea Kobiela, polonesa; ganhou os Prêmios de Melhor Trilha Sonora da Academia Polonesa de Cinema e do Público. Em 1973, foi adaptada pela TVP, numa série em treze capítulos dirigida por Jan Rybowski, que ganhou o Prêmio do Presidente do Comitê de Rádio e Televisão, o Prêmio Primavera Artística de Łódź e a atriz Emilia Krakowska foi agraciada com o Prêmio Estrela de Cinema de Łagów (interpretando a protagonista Jagna).



Cartaz do filme *Chłopi* (*The Peasants*) de 2023.

Fonte da imagem: <https://www.imdb.com/pt/title/tt10651230/>

Ziemia obiecana foi filmada em 1927 e 1975, essa última vez por Andrzej Wajda, tendo ganho o Prêmio de Ouro no 9º Festival Internacional de Cinema de Moscou e também sido indicada ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Em 78, do próprio filme Wajda extraiu uma série para a televisão polonesa em quatro episódios.

Komediantka foi filmado em 1986 por Jerzy Sztwiertnia e, na mesma época, foi objeto de uma série de televisão em nove episódios: ambientada na segunda metade do século 19, a trama conta a história de Janka, que abandona tudo e embarca na carreira de atriz.

Reymont é nome de uma comuna

Em 1983, a comuna de Lipce, na província de Łódź, adotou oficialmente o nome de Lipce Reymontowskie, recriando ambientes do romance e da vida do escritor, além de um Museu em sua homenagem.

2025 – O ano Reymont na Polônia

Por Resolução do Senado da República da Polônia, o Ano de 2025 foi estabelecido como “Ano de Władysław Stanisław Reymont” com o propósito de exaltar a importância das suas realizações criativas para o patrimônio nacional e mundial. Estão programados eventos por todo o país, ao longo do ano.

MEMÓRIA



Portrait de Władysław Stanisław Reymont - Fonte da imagem: <https://pt.wikipedia.org/>

O Ministério da Cultura e do Patrimônio Nacional lançou o programa *Reymont Interwencje* de bolsas para apoiar projetos em homenagem ao escritor.

Na Biblioteca Pública da cidade de Łódź, entre janeiro e fevereiro transcorreu a Exposição “Władysław Stanisław Reymont - Lugares, Pessoas, Obras”, com livros e materiais do escritor vinculados a lugares da região, como o local de nascimento e residência, os anos de estudo e trabalho e as suas tentativas de atuar nos palcos quando se cansou do emprego na ferrovia. Várias edições de suas obras principais foram exibidas.

Ainda em Łódź, no Museu do Cinema, em fevereiro foi inaugurada uma exposição marcando o 50º aniversário da estreia do filme “A Terra Prometida”, de Wajda.

Em Gdynia, foi lançado um concurso de design gráfico para ilustrar a capa de alguma obra do escritor.

Reymont no Brasil

Embora não seja desconhecido entre nós, Reymont ainda é valorizado aquém do que merece. Atendo-nos apenas aos círculos polônicos, registramos que desde 2019 atua em Porto União/SC e União da Vitória/PR o Clube Literário Władysław Reymont. Em Indaial/SC há um grupo folclórico denominado “Chłopi”, fundado em 2022, que se dedica a representar as tradições polonesas, inspirado no romance famoso.

Obs.: Se deixamos de mencionar alguma iniciativa ou instituição, pedimos desculpas e que, por favor, nos sejam enviadas as informações.

Referências:

REYMONT, Wladislaw. *Los Campesinos*. Tradução do idioma polonês para o espanhol: R. J. Slaby e Fernando Girbal. *Prólogo*: Fernando GIRBAL. Madrid: Editora Aguilar, 1960, 1294 p.

_____. *A Lei do Cnute e Contos. Z Ziemy Chelmskiej* (Reportagem sobre a Região de Chelm), 1910. Tradução: Valdemar Cavalcanti. Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura, Prêmio de 1924 Wladislaw Stanislaw Reymont. RJ: Editora Delta, 1963, 196 p.

_____. *La tierra de la gran promesa*. Tradução do idioma polonês para o espanhol: **Pilar Gil Cánovas**. Barcelona: Editora La Otra Orilla - Belacqva, 2006, 549 p.

SIEWIERSKI, Henryk. *História da Literatura Polonesa*. Brasília: Editora UnB, 2000, 243 p.

Władysław Reymont – Biográfico. *NobelPrize.org*. Divulgação do Prêmio Nobel. <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1924/reymont/biographical/> Acesso em 17 de julho de 2025.

Władysław Reymont (1867-1925) - Stanisław Władysław Rejmont. Biográfico. *Authors Calendar*. <https://authorscalendar.info/reymont.htm> Acesso em 17 de julho de 2025

Contato: wilsonrodyucz@uol.com.br

Wilson RODYCUZ

Desembargador aposentado do TJRS. Entre 2013 e 2018 foi Cônsul Honorário da República da Polônia em Porto Alegre. É autor dos livros “Os imigrantes poloneses da Colônia Lucena/Itaiópolis” (Editora R&O) e de “Cada qual com seus danos e outras histórias (Ed. Metamorfose).

INTERNACIONAL

Acordo entre Brasil e Polônia

Em julho de 2025 o Senado brasileiro aprovou um acordo que define regras sobre os rendimentos, com o objetivo de evitar a dupla tributação entre Brasil e Polônia. Este acordo evita que a renda seja tributada entre os dois países. Outro benefício deste acordo é a prevenção da elisão e evasão fiscal, pois o acordo prevê troca de informações, facilitando a fiscalização e a aplicação das regras tributárias. Segundo o relator, o Senador Fernando Dueire, do MDB de Pernambuco, “este acordo dará segurança jurídica necessária para impulsionar as relações comerciais e culturais entre o Brasil e a Polônia”. Este acordo ainda deve ser aprovado pela Câmara dos Deputados para que seja promulgado e entre em vigor.

Desde 2022 o Brasil também negocia com a Polônia um acordo previdenciário para que os contribuintes

possam somar as contribuições de ambos os países e solicitar os benefícios previdenciários como aposentadoria por tempo de contribuição, aposentadoria por invalidez e pensão por morte.

Fonte:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/07/15/aprovado-acordo-com-a-polonia-para-evitar-bitributacao>

<https://www.gov.br/previdencia/pt-br/noticias/2024/setembro/previdencia-social-brasil-e-polonia-avancam-nas-negociacoes-para-acordo-bilateral>

Emanuelli Saporski SANTI

Advogada, administradora, pesquisadora e genealogista.

O canto das asas: a lenda dos hussardos alados poloneses



Hussardos – Fonte da imagem: <https://historiamilitaredebate.com.br/os-hussardos-poloneses/>

No panteão das figuras militares que transcendem a história e se elevam ao reino da lenda, poucos ostentam um fascínio tão duradouro quanto os hussardos alados da Polônia (em polonês: *husaria*). Mais do que meros cavaleiros, eles personificavam o espírito de uma nação orgulhosa, a personificação da bravura e um símbolo de poderio militar que ecoou pelos campos de batalha da Europa Central por quase dois séculos.

Sua origem remonta ao início do século XVI, evoluindo de unidades de mercenários sérvios a uma formação de elite dentro do exército polonês. Inicialmente, sua função era a de cavalaria ligeira, ágil e versátil. Contudo, foi no século XVII que os hussardos alados atingiram o auge de sua glória, transformando-se em uma força de choque pesada, capaz de romper as linhas inimigas com uma ferocidade inigualável.

O que distinguia os hussardos alados de qualquer outra cavalaria da época era sua indumentária

e armamento únicos. Vestiam armaduras ricamente decoradas, muitas vezes com elmos abertos adornados com plumas ou peles de animais, conferindo-lhes uma aparência imponente e quase teatral. Seu armamento principal consistia em longas lanças (*kopia*), espadas (*szabla*), pistolas e, ocasionalmente, machados de batalha.

No entanto, o elemento mais icônico e misterioso dos hussardos alados eram, sem dúvida, suas asas. Fixadas nas selas ou nas costas, essas estruturas elaboradas, feitas de penas de aves de rapina, produziam um som característico e intimidante durante a carga. Embora o propósito exato das asas seja debatido pelos historiadores – variando de proteção contra laços a um fator psicológico para assustar cavalos e soldados inimigos (Brzezinski, 1987) – seu impacto visual e sonoro no campo de batalha era inegável. A visão de uma horda de hussardos alados galopando em direção às linhas inimigas, com suas lanças em

riste e o som das asas cortando o ar, era suficiente para abalar a moral de qualquer exército.

Os hussardos alados desempenharam um papel crucial em inúmeras batalhas decisivas que moldaram a história da Polônia e da Europa. Suas cargas devastadoras foram fundamentais nas vitórias de Orsha (1514), Kirchholm (1605), Klushino (1610) e, talvez a mais famosa de todas, no Cerco de Viena em 1683 (Wheatcroft, 2019). Nesta última, a carga dos hussardos alados liderada pelo rei João III Sobieski quebrou as linhas otomanas, salvando a cidade e marcando um ponto de inflexão nas Guerras Austro-Turcas.

Apesar de seu sucesso e reputação formidável, a era dos hussardos alados chegou ao fim com a evolução das táticas militares e o surgimento de armas de fogo mais eficazes. No início do século XVIII, seu papel no exército polonês começou a diminuir, e as unidades foram gradualmente dissolvidas.

Contudo, a memória dos hussardos alados permanece viva na consciência polonesa. Eles são celebrados como heróis nacionais, símbolos de coragem, honra e a glória de um passado onde a cavalaria polonesa dominava os campos de batalha. Sua imagem icônica continua a inspirar a arte, a literatura e a cultura popular na Polônia e além, perpetuando a lenda dos guerreiros que cavalgavam com asas. O "canto das asas" dos hussardos alados ecoa através dos séculos, lembrando-nos de uma época de bravura e sacrifício que moldou a identidade de uma nação.

Referências:

Brzezinski, R. (1987). Polish Winged Hussar 1576-1775. Osprey Publishing.

Wheatcroft, A. (2019). The Enemy at the Gate: Habsburgs, Ottomans and the Battle for Europe. Basic Books.

Rafael De Nadai BACCHI

Administrador, Licenciado em Administração de Empresas, Licenciado em História e mestrando em educação pela FUMBER. Autor dos livros: Guerra Cultural: Conceitos, vítimas e carrascos, 2019, e A Polônia Jamais Desaparecerá: A inacreditável história do Estado Secreto Polonês (2019 e 2024).

Zupa Ogórkowa (Sopa polonesa de pepino em conserva)



Zupa Ogórkowa. Fonte da imagem: <https://kuchniaizy.pl/zupa-ogorkowa-ze-swiezych-ogorkow/>

Essa sopa é um clássico absoluto dos lares e restaurantes poloneses, feita com pepinos em conserva (de preferência fermentados naturalmente só no sal, tipo “ogórki kiszzone”). É cremosa e reconfortante e combina muito bem com as noites frias de inverno. Bom apetite!

Ingredientes (serve 4–6 pessoas):

- 5–6 pepinos em conserva grandes (kiszzone ogorki), ralados grosso
- 2 litros de caldo de galinha ou legumes
- 4–5 batatas médias, descascadas e cortadas em cubos
- 2 cenouras médias raladas ou cortadas em cubinhos
- 1 pedaço de raiz de salsão ou aipo (opcional)
- 150 ml de creme de leite
- 2 colheres de sopa de manteiga
- sal e pimenta do reino a gosto
- endro fresco picado, para servir

Modo de preparo:

- 1) Cozinhar os legumes
 - Ferva o caldo (pode adicionar uma xícara da „água da conserva dos pepinos”) e adicione as batatas em cubos, as cenouras raladas e, se quiser, o aipo.
 - Cozinhe até que as batatas estejam quase macias (cerca de 10–12 minutos).
- 2) Refogar os pepinos
 - Em uma frigideira, derreta a manteiga, adicione os pepinos ralados e refogue por 3–4 minutos.
- 3) Finalizar a sopa
 - Coloque os pepinos refogados na panela com o caldo. Cozinhe por mais 5–10 minutos.
 - Desligue o fogo e misture o creme de leite.
 - Ajuste sal e pimenta a gosto.
 - Sirva quente, polvilhada com bastante endro fresco.

A Cozinheira Polonesa do TAK!

Blog Iarochinski

Criado em 2005 pelo paranaense Ulisses Iarochinski, então doutorando na Universidade Jaguelônica de Cracóvia, na Polônia, o blog homônimo completa 20 anos em atividade. Lançado dois anos após a aquisição da plataforma [blogspot.com](https://www.blogspot.com) pelo Google, o site surgiu como uma continuidade digital do portal Saga dos Poloneses, criado em 1998, que posteriormente deu origem ao livro *Saga dos Polacos*, publicado em 2000.

A primeira postagem no novo formato foi publicada em 20 de julho de 2005, uma quarta-feira, com o artigo acadêmico “Porque Polaco!”. Desde então, o blog — também conhecido como Jarosiński do Brasil, grafia do sobrenome do autor em polaco — ultrapassou a marca de 1.162.208 de visualizações, distribuídas em 2.980 postagens, entre artigos, reportagens, textos de opinião, fotos e vídeos. A postagem que recebeu maior número de visitas foi o “Os mais populares sobrenomes na Polônia” com 30.200 visualizações.

Os temas abordados incluem arte, cultura, história, turismo, cidadania, idioma, política, curiosidades e notícias sobre a Polônia e sua diáspora, especialmente no Brasil. Segundo o autor, trata-se do primeiro blog no mundo a tratar da Polônia e de seus emigrantes em solo brasileiro, com conteúdo inteiramente em português.

Em um aviso na lateral do site, Iarochinski destaca que utiliza exclusivamente os termos “polaco” e “polaca” — inclusive no plural — ao se referir ao gentílico da Polônia em português. “O autor está convicto de que estes são os termos adequados e corretos, como fazem os demais sete países lusófonos ao redor do mundo. Se ‘polaco’ é pejorativo para alguns, ‘polonês’ é preconceituoso para tantos outros”, argumenta.

No último dia 14 de agosto, o blog registrou 161 acessos. Somente neste mês, já acumula 2.717 visualizações.

<https://www.iarochinski.blogspot.com>